

**UNIABEU CENTRO UNIVERSITÁRIO
CAROLINA LEITE SOUZA PASSOS**

**“VENTUROSO AQUELE QUE MANTEVE O FILHO TÃO PRÓXIMO DE
SEU CORAÇÃO E NÃO TEVE OUTRO MOTIVO DE DESVENTURA.”:
AMAMENTAR É FUNDAMENTAL, DESMAMAR É PRECISO.**

**BELFORD ROXO
2016**

UNIABEU CENTRO UNIVERSITÁRIO
CAROLINA LEITE SOUZA PASSOS
CURSO DE PSICOLOGIA

“VENTUROSO AQUELE QUE MANTEVE O FILHO TÃO PRÓXIMO DE SEU CORAÇÃO E NÃO TEVE OUTRO MOTIVO DE DESVENTURA.”: AMAMENTAR É FUNDAMENTAL, DESMAMAR É PRECISO.

Monografia apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do Título de Graduação em Psicologia pela UNIABEU Centro Universitário.

Orientador: Professor Dr. Edimilson Lima Duarte

BELFOR ROXO
2016

CAROLINA LEITE SOUZA PASSOS
UNIABEU CENTRO UNIVERSITÁRIO
CURSO DE PSICOLOGIA

**“VENTUROSO AQUELE QUE MANTEVE O FILHO TÃO PRÓXIMO DE
SEU CORAÇÃO E NÃO TEVE OUTRO MOTIVO DE DESVENTURA.”:
AMAMENTAR É FUNDAMENTAL, DESMAMAR É PRECISO.**

Monografia apresentada à Banca Examinadora como
exigência parcial para obtenção do Título de
Graduação em Psicologia pela UNIABEU Centro
Universitário.

Aprovada em _____ / _____ / 2016.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Professor Dr. Edimilson Lima Duarte
UNIABEU Centro Universitário

Professor Dr. Acyr Correa Leite Maya
UNIABEU Centro Universitário

Professora Me. Maria de Fátima Antunes Alves da Costa
UNIABEU Centro Universitário

Dedico este trabalho

A minha filha Letícia Souza Passos.

AGRADECIMENTOS

Ao professor e orientador Edmilson Lima pela disposição de apontar caminhos, com sua competência, atenção e carinho.

A Psicóloga e Psicanalista Franciele pelo acolhimento, humildade e generosidade em dividir sua experiência.

Aos professores, Acyr Maia; Adriano Arnóbio; Adriana Machado Iannelli; Alberto José Figueiras Gonçalves; César de Araújo Fragale;; Cristiane Pimentel Nalin; Flávio Roberto dos Santos; Mauro da silva de Carvalho; Mônica Carvalho Pinto; Nadya Ribeiro do Nascimento Silva; Paulo Cesar Silva de Oliveira; Robson Rodrigues de Paula; Sergio Mello Guimarães; Silvana Bagno; Vania Sueli Mafra Aniz, pelas horas dedicadas de ensino.

Em especial aos professores que auxiliaram no meu crescimento como estudante e principalmente como pessoa. Jardinete Tavares; Hugo Jorge de Almeida Jacques; Maria Luísa Rodriguez Sant'Ana; Maria de Fátima Antunes Alves da Costa; Pedro Moacyr Brandão Junior; Ricardo Chalita Hitti; Sérgio da Costa Oliveira; Suelen Carlos de Oliveira.

Aos amigos que conheci e que fizeram parte de alguma forma desse sonho.; Aline Fortes;Camilla Soares;Fernanda Fachas, Graziele de Macedo; Ilda Tiani; Jean Duarte; Michelle Cristine; Melinda Cordeiro; Kamilla Penudo; Kátia Rezende;Suellen Barbosa; Walquiria Alencar.

Em especial aos amigos que com amor dedicaram um tempo das suas vidas ao meu lado. Alexandre Tebaldi; Camila Assis; Manuela Ferreira; Kelly Cordeiro;Solange Pereira.

A minha amiga Vera Lima não tenho palavras para agradecer... Você é uma pessoa sensacional e muito especial para mim!! Lembro-me perfeitamente do seu acolhimento no meu primeiro dia de aula... Sua força em meio às lutas me fez perceber que, podemos encontrar forças onde menos esperamos; dentre outras. Você se tornou uma pessoa muito importante no meu ciclo de amizades.

Aos amigos de longa data que sempre incentivaram com amor e carinho. Fernanda Cristine; Giselle Cristina; Priscila Marques; Suellen Magalhães; Ticiane Sarubi. A minha querida, irmã Camila Leite pelo suporte, carinho e amor de sempre.

A minha sogra Estela Cristina que com toda sua dificuldade de se locomover esteve presente cuidando do meu maior tesouro, meu muito obrigada.

Ao meu esposo Filipe Passos pelo apoio de todos esses anos.

Aos meus pais que com humildade conseguiram me educar, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas.

Em especial a minha mãe Ligia Resende pela guerreira que é, por tudo que significa para mim e pelo que sou.

A minha base, minha filha Letícia Souza Passos. Meu eterno amor.

Maria, Maria
É um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece
Viver e amar
Como outra qualquer
Do planeta

Maria, Maria
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri
Quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta

Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida

Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo refletir e questionar acerca dos processos de amamentação e do desmame. De como amamentação e o desmame intrinadamente ligados, podem influenciar efetivamente de ambos os lados, tanto para o bebê quanto para a mãe. Uma conexão que está para além do nutrir e do alimentar. Apresentaremos neste trabalho observações sobre a amamentação e o desmame no desenvolvimento emocional da criança e de como podem representar equilíbrio ou desequilíbrio no vínculo entre a mãe e o bebê. Convocamos a uma reflexão a respeito de como também o contexto sociocultural é fator preponderante no modo de amamentar e desmamar a prole.

Palavras-chave: Maternagem, Desenvolvimento psíquico do bebê, Desmame.

ABSTRAT

The present work aims to reflect and question about the processes of breastfeeding and weaning. Of how intricately linked breastfeeding and weaning, they can effectively influence on both sides, both for the baby and for the mother. A connection that is beyond nourishing and nourishing. We will present observations on breastfeeding and weaning in the child's emotional development and how they may represent balance or imbalance in the relationship between the mother and the baby. We call for a reflection on how the socio-cultural context is also a preponderant factor in the way we breastfeed and wean the offspring.

Key words: Maternity, Psychic development of the baby, Weaning.

Sumário

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – MATERNAGEM	14
CAPÍTULO 2 – AMAMENTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO DO BEBÊ	19
CAPÍTULO 3 – O PROCESSO DE DESMAME	25
CONSIDERAÇÕES.....	30
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

Podemos observar cada vez mais o incentivo à amamentação, através de campanhas educativas, por veículos de jornais, televisão e campanhas do Ministério da Saúde. Visando a promoção do desenvolvimento infantil e sustentável, a fim de garantir nutrição adequada ao recém-nascido.

Segundo a OMS (2005) - Organização Mundial de Saúde, a amamentação é a fundamental forma de prover ao bebê os nutrientes indispensáveis para sua sobrevivência e desenvolvimento. O leite materno é o único alimento que fornece nutrientes fundamentais para o desenvolvimento cerebral, combatendo infecções e resguardando a criança contra vírus e bactérias. O recém-nascido nutrido unicamente com leite materno tem uma melhor e maior facilidade de recuperação contra as doenças.

É notório observar que as campanhas do Ministério da Saúde, órgão do Poder Executivo Federal é responsável pela organização e elaboração de planos e políticas públicas. E que deveria ter por finalidade a promoção, prevenção e assistência à saúde de todos os cidadãos e que nem sempre essa finalidade esta ao alcance de todos. É importante salientar que independente das políticas públicas e interesses econômicos, a amamentação deveria ser uma prática essencial para o desenvolvimento físico e emocional do bebê. Necessitando ser estimulada constantemente entre as gestantes, possibilitando um desenvolvimento pleno e saudável ao bebê.

O intuito do trabalho é provocar questionamentos acerca do aleitamento materno e do desmame. Possibilitando uma reflexão para além do fornecimento de nutrientes fundamentais para o desenvolvimento cerebral do recém-nascido. Mas também para o desenvolvimento intelectual.

A motivação deste trabalho aconteceu devido à dificuldade de desmamar a minha prole. A implicação no desmame estava na minha própria amamentação

tardia, aos 7 anos, mas, só comprehendi quando consegui de fato o desmame da minha filha.

Ao fazer inúmeras tentativas de desmame com a minha prole, o sentimento de frustração vinha sempre acompanhada com a possibilidade de rompimento. Esse processo de desmame necessário e também difícil faz parte do processo de amamentar.

Entretanto o momento é doloroso para mãe e para o bebe, porque não se trata apenas de romper o fornecimento de alimento, mas também se trata de romper os corações, poeticamente falando. Assim como disse o filosofo Soren Kierkegaard no seu livro Temor e Tremor. Foi nesse escrito que se deu a inspiração para o titulo do trabalho.

Quando vem a época do desmame, a mãe se entristece refletindo que ela e o filho terão de se separar; que o infante, no princípio sob o seu coração e depois embalado ao seio, nunca mais estará tão próximo dela. E juntos sofrerão esta curta pena. Venturoso aquele que manteve o filho tão próximo de seu coração e não teve outro motivo de desventura! (SOREN KIERKEGAARD, 1979, p 199.).

Nesse viés compreendemos que é inevitável essa separação. Onde a relação íntima mãe-bebê é uma tarefa difícil para muitas mães e foi inclusive esse o meu percalço. Fui amamentada até os sete anos e por muitas vezes minha mãe falava que eu deveria amamentar a minha filha também. Porém percebi que o anseio de amamentar até os sete anos era meu atrelado ao desejo da minha mãe, já que o ideal de amamentação “perfeita” que imaginava era o da minha provedora.

Segundo Dapper, Lopes e Krug (2012, p, 2), uma mãe somente pode exercer de forma benéfica a maternagem ao o bebê, caso esta mãe tenha vivenciado a maternagem em algum momento de sua vida.

O processo de desmame foi angustiante e de uma enorme culpa que carregava. Entre duas tentativas de desmame frustradas, percebi o medo da “perda”.

Minha filha com um ano e sete meses adoeceu, apresentou um quadro de pneumonia. Foi nesse período que tinha parado de amamentar, a culpa logo veio.

Por muitas vezes me peguei falando para os amigos, “Tá vendo o que o peito fez”. Só percebi minha fala ao me debruçar nos escritos da psicanalista Melanie Klein ao longo da graduação. Onde ela apresenta a teoria Kleiniana do seio bom e do seio mau, e que iremos trazer para melhor reflexão, no decorrer do trabalho.

Ao questionar o prolongamento da minha amamentação, procurei saber o ensejo do desmame tardio. A minha provedora disse que o desmame aconteceu porque ela teve que drenar o seio por excesso de leite. Hoje a indagação que me ocorre é “Que excesso é esse?” conjecturamos que o excesso de leite esteja além do somente alimentar.

O que nos remeteu ao que Melanie Klein (1982, p, 121) faz menção na relação de prazer do bebê, em que o gozo é mais significativo com quem proporciona a comida do que com a comida propriamente dita. Segundo Melanie Klein a primeira experiência de satisfação do bebê após o trauma do nascimento é o mamar. Nessa experiência é que o bebê consegue superar o trauma do nascimento, provocando confiança e a sensação de segurança.

CAPÍTULO 1 – MATERNAGEM

Ela pariu na dor, pensou as feridas dos machos, amamenta o recém-nascido e sepulta os mortos (BEAUVoir, 1970, p.225).

Segundo Dapper, Lopes e Krug (2012, p,3), a maternagem pode ser entendida como o conjunto de cuidados que são dispensados ao bebê, visando o suprimento de suas necessidades. Neste viés podemos pensar que as ações que envolvem a dispensação de cuidados abrangem uma série de tarefas consideradas básicas e todas interdependentes, não podendo ser resolvidas plenamente de forma isolada.

Conforme Dapper, Lopes e Krug (2012, p, 2), uma mãe somente pode exercer de forma benéfica a maternagem ao o bebê, caso esta mãe tenha vivenciado a maternagem em algum momento de sua vida. Neste viés entende-se que havendo uma maternagem saudável, a criança irá se desenvolver saudavelmente do ponto de vista emocional e físico, até alcançar a fase adulta, apoiando-se no exemplo da mãe. Futuramente ao constituir uma família, o adulto que passou pelo processo da maternagem irá transmitir seus conhecimentos e experiências da sua infância e adolescências à sua prole.

Já o autor Goldberg (2005, p, 101) afirma que o desenvolvimento psicológico sadio se dá a partir de interações com um ou mais adultos que queiram o bem incondicional das crianças que estão sob seus cuidados.

Segundo Winnicott (1979, p,81), na teoria do desenvolvimento pessoal do ser humano a experiência em um espaço suficientemente bom em que vive, está ligada

diretamente no seu desenvolvimento psíquico. Que pode ser exercido pela mãe biológica ou por qualquer outro cuidador.

Podemos pensar que se o ambiente for hostil, onde a criança tem experiências traumáticas e distintas pela brutalidade, física, emocional ou sexual. Poderão acarretar possíveis efeitos negativos em suas vidas, seja emocionalmente ou socialmente falando.

Bernardino Junior e Sousa Neto (2007, p, 165) afirmaram que o crescimento saudável é alcançado com uma alimentação adequada. Nos primeiros 06 meses de vida, o leite humano é o alimento que reúne características nutricionais ideais e possui um balanceamento adequado de nutrientes. É também um elemento importante na diminuição da morbidade e mortalidade infantil pois desenvolve a parte imunológica e psicológica do ser humano na fase inicial da vida. Por isso, a amamentação é considerada essencial para a criança, para a mãe, para a família e para a sociedade em geral.

Dapper, Lopes e Krug (2012, p,3), comprehende que uma mãe que não vivenciou a maternagem em sua vida, durante a fase da infância, terá dificuldades extremas de desenvolver a maternagem aos seus filhos, ou seja, dificilmente será capaz de maternar um bebê.

Neste viés podemos questionar. Se acontecer o contrario, em que a mulher vivencia a maternagem de forma prolongada. Haverá dificuldades de romper a maternagem aos seus filhos, logo, duramente será o processo de desmame do bebê? Esse questionamento talvez reverbere o processo de amamentação, uma vez que amamentar implica naturalmente no processo de desmame.

Portanto é preciso compreender os diferentes aspectos. Se por um lado a mulher que tenha sido pouco ou nada maternada, as implicações serão em relação a seus filhos. Podendo ou não ter dificuldades de estabelecerem relações pautadas na confiança e na segurança. Por outro lado a mulher que tenha sido maternada por um tempo mais extenso, poderá seus filhos ser inseguros e coo - dependente do outro?

Goldberg (2005, p, 98), afirma que cada ser humano é um ser em crescimento e está se desenvolvendo invariavelmente a partir das relações de reciprocidade criadas entre ela e os diferentes ambientes que habitam.

Neste contexto podemos refletir sobre o aspecto emocional ligando mãe e bebe. Vínculo que por um lado pode ser benéfico no desenvolvimento do bebe. Por outro lado pode ser ameaçador para o desenvolvimento, uma vez que o vínculo pode virar simbótico. Tendo implicações no desenvolvimento e no aprendizado da criança.

Segundo Mello et al (2010, p 1), as experiências traumáticas precoces são um fator de risco precoce de problemas psicopatológicos futuros.

Verifica-se que o homem é um ser que pode recordar o passado e planejar o futuro, mesmo que este futuro planejado, não aconteça. Ele é capaz ainda de relacionar-se com as necessidades e vontades alheias, ainda que em cada indivíduo exista um mundo dentro de si, com suas características e peculiaridades próprias. Dessa forma, faz-se necessário um bom desenvolvimento psicossocial, psicoemocional e antropológico da criança, a fim de que em seu crescimento a mesma adquira habilidade em conhecer a si mesma. Acumulando menos traumas ao longo de sua existência.

Zanardini e Lascio (2004, p,2) destacaram em seu estudo que, segundo as definições de Moreno, o homem nasce já como um ser espontâneo, criativo, sensível e constituído de papéis. Que irá desenvolver em todas as dimensões da sua vida e se perde em meio a ambientes ou sistemas sociais constrangedores.

Dapper, Lopes e Krug (2012, p,2), expõe que para esta dificuldade em relação a maternagem seja superada. As mães precisarão ser novamente maternadas, possibilitando assim uma forma de ressignificação nos seus primeiros vínculos. Bem como a sua capacidade de brincar e de fantasiar. Onde a criança se encontrará em um processo de transição entre a teoria e a prática, que determinaria a fase adulta.

Segundo Santos e al (2006, p.4) o leite materno tem sua composição adequada para atender às necessidades desses recém-nascidos, sendo rico em proteínas, calorias e em fatores de proteção.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005) é recomendado que as crianças fossem amamentadas de forma exclusiva dos seis meses até os dois anos. Após esse período gradativamente se inicie a alimentação complementar, mantendo a amamentação até pelo menos os dois anos de idade.

Percebe-se que a importância do aleitamento materno está para além da manutenção e garantia da saúde do lactente, cada vez mais tem sido reconhecida a importância e a relevância do fator psicológico envolvido no aleitamento e na própria relação mãe e filho estabelecido neste processo. Nesse sentido o desmame acarreta uma sobrecarga emocional muito grande e que requer ser mais pesquisada e estudada.

Segundo Giugliani (2000, p, 1) a espécie humana evoluiu e passou 99,9% da existência amamentando os seus descendentes. De acordo com a genética estamos delineados para receber e dar os benéficos do leite materno no início da vida. Ainda que sejamos biologicamente determinados a esse ato, a amamentação foi e é influenciada por meios socioculturais. E por essa influência que a amamentação deixou de ser praticada globalmente a partir do século XX. Nesse viés, podemos pensar que mudanças sócias- culturais foram preponderantes para influenciar a amamentação ou a falta dela.

Estes estudos e tantos outros realizados em vários países, forneceram novos apoios de recomendação de políticas internacionais, principalmente para a Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). As diretrizes recomendam que as crianças sejam amamentadas de forma exclusiva até os seis meses e, que após esse período, gradualmente se inicie a alimentação complementar mantendo a amamentação até pelo menos os dois anos de idade (OMS, 2005).

Conforme Giugliani (2000, p, 1) recentemente, a perspectiva biológica se contradiz com às expectativas culturais. Quaisquer resultados dessa mudança poderiam ser analisados, assim como desnutrição e a elevada mortalidade infantil

em áreas inferiormente desenvolvidas. Entretanto percebermos que as implicações em longo prazo ainda são incógnitas, já que mudanças genéticas não são tão rápidas quanto às mudanças culturais. Simultaneamente, começaram a aparecer evidências científicas revelando a superioridade do leite materno, como fonte de alimento, de proteção contra doenças e de afeto.

Percebe-se então que há enormes desvantagens na substituição do leite materno por outros leites, já que não é só o leite em questão que nutri a criança, mas, também o processo único, na relação entre mãe e bebê.

O psicanalista Enrique Pichon-Rivière¹, citado no livro Maternagem: Quando o bebê pede colo, das autoras Maria Aparecida Miranda e Marilza de Souza Martins, que empregaram a reflexão de Pichon para refletir sobre as relações humanas. Em que assinalam que o sujeito é um ser de necessidades e que só se bastam socialmente em relações que o regulam.

Para nós, o ser humano é um ser de necessidades, que só se satisfazem socialmente em relações que o determinam. O sujeito não é só um sujeito relacionado, é um sujeito produzido em uma práxis. Nele não há nada que não seja resultante da interação entre indivíduo, grupos e classes. (PICHON-RIVIÈRE, 1982).

¹ Enrique Pichon-Rivière psicanalista renomado que contribuiu com seus estudos sobre a associação das ações sócias e as investigações psicanalíticas. Uns dos seus principais estudos estão os livros: O processo grupal, Teoria do vínculo.

CAPÍTULO 2 – AMAMENTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO DO BEBÊ

O apego do filho ao seio materno é primeiramente o apego à Vida em sua forma imediata, em sua generalidade e em sua imanência; a recusa a desmama é a recusa ao abandono a que o indivíduo é condenado desde que se separe do Todo. (BEAUVOIR, 1970, p.238)

Segundo Sampaio et al (2010, p, 613) a amamentação caracteriza-se como sendo um processo de subjetivação, desenvolvendo o vínculo mãe-filho. Um período onde o contato e as trocas são experimentados, ocasionando benefícios preciosos para ambos.

Segundo destacado por Ximenes et al (2010,p,2) a amamentação é uma influência mútua materno-infantil. São fatores preponderantes que podem articular o estado comportamental da criança e da mãe, influenciando o desenvolvimento psicológico, tanto afetivo como de aprendizado.

Podemos dizer que o conexo proporcionado na amamentação pode influenciar efetivamente de ambos os lados, seja de quem recebe ou de quem alimenta, através da amamentação. Essa conexão está para além do nutrir e do alimentar.

De acordo com Lawrence (2001, p, 5) o aleitamento materno cumpre um papel expressivo no desenvolvimento social e emocional da criança.

Há mais de quarenta anos, Niles Newton publicou as primeiras observações sobre diferenças entre crianças de 3 anos de idade que haviam sido amamentadas ao seio por mais de seis meses e aquelas que haviam sido alimentadas com mamadeira desde o nascimento. As crianças que haviam sido amamentadas eram mais sociáveis, socialmente seguras e registravam

escores mais altos nas escalas de desenvolvimento. As mães foram selecionadas por idade, paridade, nível educacional e status social. Estudos subsequentes, realizados por muitos pesquisadores, estabeleceram que o aleitamento materno afeta também o desenvolvimento intelectual. (LAWRENCE, 2001, p. 5).

É valido ressaltar que nesse estudo foram feitos inúmeros testes e observações com crianças amamentadas no seio e outras na mamadeira. O resultado reverbera que as crianças amamentadas no seio, se tornaram crianças mais sociáveis e seguras. Nesse sentido podemos refletir o quanto a amamentação influencia no desenvolvimento intelectual.

Vale ressaltar que as reflexões deste estudo pretende apontar numa revisão bibliográfica questões relevantes sobre os possíveis impactos que ocorrem na mulher e no bebê durante o processo de desmame. E de que forma a amamentação interfere no desenvolvimento. Vale ressaltar que o intuito do trabalho não é apontar verdades e sim fazer reflexões plausíveis e fundamentadas.

Melanie Klein (1982 [1937], p, 350) afirmou que ao longo de nossa vida estabelecemos relações que são afetadas direta ou indiretamente por experiências emocionais de todos os tipos, benéficas ou maléficas.

Segundo Melanie Klein (1982 [1937], p, 347) o primeiro objeto de amor e ódio do bebê é a mãe. Desejado e odiado ao mesmo tempo com a mesma intensidade.

Para Melanie Klein (1982 [1937], p, 349), a fantasia pode ser considerada um arcabouço na qual o sujeito se relaciona com os objetos exteriores. O período inicial da mente infantil trabalha primeiramente por meio da fantasia inconsciente, complementando o pensamento racional. Este movimento gera aflições e angústias distintas, ligadas às fantasias primitivas.

Conforme Melanie Klein (1982 [1937], p, 349) o bebe nos primeiros meses de vida fantasia de que o objeto externo, o seio, é mau e persecutório, uma vez que nem sempre o seu desejo é atendido. Logo a frustração ocasiona rompantes de

agressividade na criança, já que ela precisa punir o seio mau. Ao mesmo tempo existe também a imagem de um seio bom, na qual atende a sua necessidade. Esta separação do seio é imprescindível para resguardar o seio bom, já que, todos os rompantes de fúria são acometidos ao seio mau. Neste contexto podemos refletir que na fantasia infantil, o seio mau é fragmentado e o seio bom continua inteiro.

Segundo Melanie Klein (1982 [1937], p, 350), se o seio bom demorar a aparecer, logo o bebê vai se relacionar mais intensamente com o seio mau. Podendo ocorrer duas formas. Primeiro, o aumento da voracidade e dos impulsos agressivos. Deste modo quando o seio bom surgir o bebê irá mamar mais do que precisa, já que para ele não há uma segurança se o seio bom irá voltar ou não. A segunda forma pode ocorrer à desistência, incidindo o contrário da primeira, uma inibição da voracidade, e quando o seio bom aparecer o bebê não estará desejoso para mamar.

Para Freud (1901-1905 [2006], p, 112) a fonte primária de interação do bebê durante o estagio oral ocorrerá através da boca, o reflexo de sucção é extremamente importante. Nesta fase a criança é totalmente dependente da pessoa que fornece o alimento, deste modo a criança irá desenvolver um sentimento de confiança e consolo através da estimulação oral. É notório que nessa fase a criança é totalmente dependente. Freud acreditava que o conflito principal dessa fase é o processo de desmame, já que a criança deverá se tornar menos dependente do seu cuidador.

Para Freud (1920 [1996], p,36) , o primeiro órgão que se manifesta enquanto zona erógena e que lança para o psiquismo uma exigência libidinal, é, desde o nascimento, a boca. Seja qual for à atividade psíquica ela é conduzida a proporcionar satisfação às necessidades dessa zona erógena, a boca. Refere-se primordialmente a um lugar de atuação para a auto- preservação, através do alimento.

Segundo Freud (1901-1905 [2006], p, 113), diante de um trauma, a criança sofre uma intensa e irremediável dor, resultante dessas experiências traumáticas, que por sua vez torna latente a invasão de uma estimulação excessiva

e contínua em seu psíquico. Ocasionalmente uma falha expressiva de seus mecanismos de proteção frente ao mundo, resultando em um dano ao seu aparelho psíquico.

Para Winnicott (1983 p, 30) a importância do lugar maternal no alicerce do desenvolvimento emocional da criança especialmente através dos conceitos da “mãe suficientemente boa” e da “apreensão materna primária”. Winnicott ressalta que, desde a gravidez, a mulher desenvolve um estado identificatório com seu bebê, construindo saberes de proteção. Quando a mãe não é suficientemente boa, o bebê é compelido a uma falsa existência, podendo ocorrer sintomas de irritabilidade e distúrbios de alimentação. A relação funciona como um espelhamento, o bebê se vê naquilo que a mãe vê.

Winnicott (1979, p, 4) a amamentação, quando bem-sucedida, beneficia e estabelece um vínculo muito específico. O bebê para constituir o seu psiquismo que ainda não está constituído, requer o ambiente que proporcione condições satisfatórias, de preferência com a mãe, oferecendo experiências plenas e de conservação. Winnicott (1979, p, 5) chamou esse processo de holding. Podemos observar que na fase desde o inicio do nascimento, o bebê encontra - se em uma dependência absoluta, demandando um vínculo experiencial com a figura materna.

Conforme Winnicott (1979, p, 5) depois da fase da dependência absoluta, o bebê se desenvolve e consequentemente irá prosseguir para a fase dependência relativa. Atenuando gradualmente a necessidade da mãe, até atingir a fase da independência, se separando da mãe. Nessa fase de independência que a criança consegue diferenciar alguma coisa interior a si mesmo de alguma coisa que lhe é exterior.

Percebe-se que a dependência do bebê vai se distanciando e cada vez mais a criança não dependerá da mãe. Talvez seja por isso a dificuldade para algumas mães no processo desmame e consequentemente, dificuldade para a criança também.

Segundo Melanie Klein (1982, p, 350) o primário e fundamental ponto das fantasias primitivas da criança é o corpo da mãe. A imagem do corpo da mãe é fantasiada como sendo algo eficaz de proporcionar a mais completa recompensa. Melanie Klein assim como Freud acreditava que a fase oral é a primeira a se desenvolver logo após o nascimento e é quando se manifestam as primeiras fantasias. Logo as fantasias do bebê de separação do seio, em seio bom e seio mau.

Para Nakano et al (2007,p,5, 9) afirmam que a amamentação é uma prática extremamente importante para o crescimento do bebê. Considera que a família é parte ativa no cuidado da amamentação. O processo de amamentação não é só um processo biológico ele é também um processo sócio-psico-cultural.

Conforme Goldberg et al (2005,p,2) o sujeito é um indivíduo em constante crescimento a partir das relações de reciprocidade construídas em diferentes espaços que vive. Diz-se então, que o sujeito é um ser em constante construção, inacabado e por isso as relações são construídas no tempo e no espaço. O indivíduo precisa manter laços recíprocos constantemente para o seu crescimento.

Segundo Isaacs et al (2010, p,358) os estudos realizados nos últimos anos tem apresentado resultados ligando o consumo de leite materno a maiores pontuações em testes cognitivos nos lactentes, indicando que um ou mais constituintes do leite materno promoveriam o desenvolvimento cognitivo, principalmente em prematuros.

Lawrence (2011, p, 5) considera que o aleitamento materno cumpre um papel expressivo no desenvolvimento social e emocional da criança. Há mais de quarenta anos, foram publicadas as primeiras observações sobre diferenças entre crianças de 3 anos de idade que haviam sido amamentadas ao seio por mais de seis meses e aquelas que haviam sido alimentadas com mamadeira desde o nascimento. As crianças que haviam sido amamentadas eram mais sociáveis, socialmente seguras e registravam escores mais altos nas escalas de desenvolvimento.

Podemos dizer que esses estudos, apontam que o aleitamento materno afeta diretamente o desenvolvimento intelectual. O impacto do aleitamento materno não apenas como um marco de desenvolvimento, mas também como referência de desenvolvimento psicológico, maturidade e autoconfiança.

Conforme Lawrence (2011, p, 5) comprovou em seus estudos que mesmo quando são controladas as variáveis, o aleitamento materno exclusivo por no mínimo quatro meses. Tem um resultado positivo sobre o desenvolvimento intelectual da criança, independente do fator socioeconômico ou grau educativo da mãe. Logo podemos averiguar as vantagens nutricionais do leite materno, e também à relação mãe-bebê. Que está ligado diretamente com o potencial intelectual da criança no seu alcance pleno.

Nesse sentido é valido pensar que há um consenso para todos os autores aqui apresentados, de que o aleitamento materno proporciona uma série de incontáveis vantagens para a criança. Especialmente no desenvolvimento psíquico satisfatório da criança, principalmente até os seis meses de idade, onde o aleitamento materno é exclusivo e recomendado.

CAPÍTULO 3 – O PROCESSO DE DESMAME

Habitada por um outro que se nutre de sua substância, a fêmea é, durante todo o tempo da gestação, concomitantemente ela mesma e outra; após o parto, ela alimenta o recém-nascido com o leite de suas tetas. A tal ponto que não se sabe quando ele pode considerar-se autônomo: no momento da fecundação, do nascimento ou da desmama? (BEAUVOIR, 1970, p.43)

O processo de desmame pode ser compreendido como um processo complexo e que envolve uma série de fatores, não somente físicos, mas especialmente psicológicos.

É valido pensarmos que o processo de desmame para algumas mulheres é um dos momentos marcantes da vida, especialmente para o bebê. Marcante como o momento do nascimento e o momento do primeiro contato com a mãe. O momento de contato inicial com a figura materna, aonde o recém-nascido recebe os primeiros toques e ouve as primeiras palavras é impactante. Já que o trauma no nascimento é inevitável.

Segundo Freud (1925-1926 [1974], p, 82), a primeira experiência de ansiedade pela qual passa uma pessoa de que forma for, é no nascimento. Logo o trauma é a separação da mãe.

O perigo do nascimento não tem ainda qualquer conteúdo psíquico. Não podemos possivelmente supor que o feto tenha qualquer espécie de conhecimento de que existe a possibilidade de sua vida ser destruída. Ele somente pode estar cônscio de alguma grande perturbação na economia de sua libido narcísica. Grandes somas de excitação nele se acumulam, dando margem a novas espécies de sentimentos de desprazer, e alguns órgãos adquirem maior catexia², prenunciando assim a catexia objetal que logo se

² Catexia - investimento.

Investimento al. Besetzung; esp. comando, destinación; fr. investissement; ing. cathexis Termo extraído por Sigmund Freud* do vocabulário militar para designar uma mobilização da energia pulsional que tem por consequência ligar esta última a uma representação, a um grupo de representações, a um objeto ou a partes do corpo. No Brasil também se usa “catexia”. ROUDINESCO, Elisabeth, PLOM, Michel. Dicionário de Psicanálise, Zahar, Rio de Janeiro, 1997. p, 108

estabelecerá. Que elementos em tudo isso são utilizados como sinal de uma ‘situação de perigo’? Infelizmente pouquíssimo se conhece acerca da composição mental de um recém-nascido para tornar possível uma resposta direta. Não posso sequer garantir a validade da descrição que acabo de apresentar. É fácil dizer que o bebê repetirá sua emoção de ansiedade em toda situação que recorde o evento do nascimento. O importante é saber o que recorda o evento e o que é recordado.

(SIGMUND FREUD (1925-1926 [1974], p, 85)).

Logo após a vida intra-uterina, o bebê que ainda não teve experiências físicas, tem a sensação devastadora da fome. A amamentação entra como um acalento, em que o seio e o leite materno abrandam a angustia intolerável. Torna-se uma primeira forma de recompensa ao bebe por terem a tirado do útero. Nesse momento o bebe sente o prazer não só de suprimir a sua fome insuportável, mas supre também a angustia de “viver”. Esse processo é fundamental no seu desenvolvimento.

A fantasia da criança de que existe um seio bom e um seio mau, segundo Melanie Klein, abordado aqui, no segundo capítulo. Verifica que até por volta dos 6 meses, para o bebê , há dois seios. Um bom e outro mau e que o bebê não consegue entender o todo do objeto, somente partes fragmentadas. Uma que a agrada e a outra que desaponta. Ora ela odeia, ora ela ama.

Conforme Melanie Klein (1982, p, 349) o ódio e o amor são sentimentos de conflitos que brigam entre si na mente da criança. Uma luta continua que de algum modo é estendido pra toda vida.

Assim como num trecho da música. Quase Um Segundo, do compositor Herbert Vianna: “Às vezes te odeio por quase um segundo. Depois te amo mais”.

Nesse viés, vale lembrar que quando falamos desse conflito do amor e do ódio, falamos também do adulto que amamentou ou foi amamentado. Desta forma podemos conjecturar a carga emocional e o conflito, no processo de desmame.

Melanie Klein (1982, p, 350) assinala que quando percebemos em nós o acometimento de ódio em relação a alguém que amamos, a tendência é ficarmos preocupados e nos sentirmos culpados. Nesse sentido, deixamos de lado a culpa para não confrontar-se com a dor que ela nos causa. No entanto, esses sentimentos se revelam de outras formas encobertas.

Vale ressaltar que culturalmente, a amamentação está ligada ao ato de amar. Logo quem não amamenta, não ama? O texto a seguir nos faz refletir sobre o questionamento aqui exposto. A blogueira Tais Vinha que se intitula no seu blog, mãe, escritora e palpiteira, o texto: "Amamentar não é um ato de amor".

A primeira vez que ouvi minha mãe pronunciar tal frase, estranhei. Eu havia ido buscá-la após uma entrevista para um programa da Rede Mulher e notei que ela estava aborrecida. Perguntei o que havia acontecido e ela disse: "Eles fizeram de tudo para que eu afirmasse que amamentar é um ato de amor. Mas eu nunca direi isso. Amamentar não é um ato de amor". "Mãe, como assim?" Por um instante, achei que minha mãe estava virando casaca e negando o trabalho de toda uma vida.

Minha mãe foi uma das grandes batalhadoras do aleitamento materno no Brasil e no mundo. Docente da Faculdade de Enfermagem da USP de Ribeirão Preto, ela ajudou a formar núcleos de aleitamento por todo o país, colocou o assunto na pauta da formação de profissionais, escreveu livros, cartilhas e foi conselheira da OMS sobre o tema, para os países de língua latina. Eu cresci com mulheres batendo à nossa porta para "desempedrar" as mamas e aprender a dar de mamar. Com alunas que a procuravam para orientar teses de mestrado. Era peito e recém-nascido para todo lado. Aquela frase, dita assim de repente, me pegou totalmente de surpresa. "Amamentar é optar por dar o melhor alimento ao bebê. Não tem nada a ver com amar. Se fosse assim, poderíamos dizer que os pais amam menos seus filhos? Eles não amamentam. As mães adotivas também não. Ou as mulheres que fizeram plástica. Ou as mães que precisaram desmamar seus bebês para trabalhar...será que todos eles amam menos seus filhos porque não amamentam?" "Mas é o que a gente sempre escuta...que amamentar é dar amor", argumentei. "Pois é...mas amamentar é dar alimento. O melhor alimento. O mais completo e o que melhor nutre o bebê. Já amar é outra coisa. As pessoas que confundem as duas coisas, sem querer, estão fazendo um desserviço ao aleitamento, pois as mães ficam mais ansiosas, culpadas e cheias de temores. Todos sabem que uma mãe tranquila amamenta melhor. E como uma mãe pode amamentar tranqüila se ela acha que estará dando menos amor para seu bebê se fracassar? Olha o peso deste

sentimento! Quanto mais desmistificarmos o aleitamento, melhor. As sociedades que amamentam melhor, são aquelas que o fazem naturalmente, como parte de uma rotina. O bebê está com fome, a mãe dá o peito. Simples assim. Quase mecânico. Ninguém pensa muito nisso. E as mulheres que por algum motivo não conseguem amamentar, precisam parar de sofrer. De sentir culpa. Existem muitas outras formas delas darem o suporte psicológico que o bebê precisa. É óbvio que o aleitamento é a melhor escolha, mas a partir do momento que esta escolha não pode ser feita, a mãe deve parar de sofrer." Essa era a minha mãe. Cheia de idéias próprias. Cheia de amor. Uma batalhadora da maternidade sem culpa. (TAIS VINHA, 2009).

Neste viés podemos verificar que o sentimento de culpa que é ratificado socialmente e culturalmente.

Segundo Sampaio et al (2010, p, 614) o bebê obtém com leite, interações simbólicas com a mãe, significados singulares, situando-se entre a demanda e o desejo materno. Desse modo o desmame é marcante, onde o bebê precisa contra a sua vontade, perder este laço, conexão que o aproximou tanto de sua mãe. Esse rompimento equivale a não ter mais a referência e a segurança da qual estava acostumada. Podemos refletir que o desmame representa um momento de amadurecimento do bebê e uma grande etapa a ser ultrapassada em seu desenvolvimento físico e psíquico. O desmame é mais do que romper esse laço simbiótico da mãe com o bebê, é também romper barreiras sociais e culturais em relação ao desmame.

Na visão de Queiroz³ (2005, p, 59), o desmame para a criança e até mesmo para a mãe representa um momento em que o temor da falta de leite e do medo da

³ QUEIROZ, Telma Corrêa da Nobrega. Possui graduação em Medicina pela Universidade Federal de Pernambuco (1975); Diploma de Francês Nancy I ; CES de Psiquiatria pela Universidade de Paris 7 (1991) ; Ancien Interne des Hôpitaux de la Région Centre - France; D E A (mestrado) em Psicopatologia e Psicanálise - Université de Paris 13 (Paris-Nord) (1998); Doutorado em Psicologia - Universite de Paris 13 (Paris-Nord) (2001) ; Pós-doutorado sobre autismo e psicoses precoces pela Universidade de Paris 13; Psicanalista membro da Escola Freudiana de João Pessoa. Atualmente é Professora Associado I da Universidade Federal da Paraíba. Tem experiência de pesquisa e extensão nas áreas de medicina e psicanálise, com ênfase em Prevenção dos Distúrbios Psíquicos, atuando principalmente nos seguintes temas: intervenção precoce, sujeito, desmame, psicanálise com bebês, alcoolismo e toxicomanias, psicose e autismo precoces, psicoses do adulto, psicanálise e medicina.

fome fica evidente. Sem dúvida, o processo de desmame é um processo que traz marcas e impactos que, inconscientemente, perdurarão para a vida toda. Além da cobrança e culpa interna que a mãe carrega, há uma culpa e uma cobrança social.

Para Queiroz (2005, p, 58) o desmame é caracterizado como uma perda inestimável para toda a vida, um momento traumático e que inclusive pode estar associado a diversos distúrbios, como problemas de linguagem, distúrbios da fala, tendências toxicológicas, dentre outros. Segundo Queiroz a quebra abrupta desta relação tão íntima e confortante para a criança, acarreta um impacto imensurável e que, talvez, não possamos entender ou definir. Podemos ressaltar que o tema abordado nesta pesquisa é inquietante e extremamente extenso.

Conforme Queiroz (2005, p, 98), o desmame, enquanto perda do objeto mítico de satisfação (seio) assume importância para os dois. Confrontar o bebê com perdas imprescindíveis acarretará em conquistas progressivas de vínculos sociais. Já para a mãe, significa à retomada de aspectos indispensáveis da sua própria sexualidade, analisando os efeitos na experiência da maternidade e amamentação.

Para Queiroz (2005, p, 99) o desmame é caracterizado como uma perda inestimável para toda a vida, um momento traumático e que inclusive pode estar associado a diversos distúrbios, como problemas de linguagem, distúrbios da fala e tendências toxicológicas. Deste modo podemos refletir que a quebra abrupta desta relação tão íntima e confortante para a criança traz consigo um impacto imensurável e que, talvez, não possamos entender ou definir.

Segundo Melanie Klein (1982, p, 142) Com a experiência diária o bebê vai recebendo informação de um determinado fato externo e interno. Um período em que a projeção⁴ e a introjeção⁵ governam integralmente. O bebê inicia projetando o

⁴ ROUDINESCO, Elisabeth, PLON, Michel. Dicionário de Psicanálise, Zahar, Rio de Janeiro, 1997. p, 366. Projeção - Termo utilizado por Sigmund Freud* a partir de 1895, essencialmente para definir o mecanismo da paranóia*, porém mais tarde retomado por todas as escolas psicanalíticas para designar um modo de defesa* primário, comum à psicose*, à neurose* e à perversão*, pelo qual o

seu impulso de morte, que foi desenvolvido devido ao trauma do nascimento. Por meio da projeção, afere aos objetos externos seus sentimentos dominantes que são: amor, medo e ódio.

Segundo Freud (1901-1905 [2001], p, 116) ainda que o corpo do bebê se separe da mãe, o bebê não se separa subjetivamente da mãe ao nascer. A separação de fato ocorre na ocasião do desmame. Por esse motivo que o bebê tem a necessidade de continuar muito próximo da mãe, até que fique organizado para esse afastamento. Podemos refletir que a amamentação é uma forma de cuidado com o bebê, é como se o seio fosse à extensão do útero, com uma diferença, de preparar gradualmente o bebê para o desmame e para a independência.

Para Winnicott (2005 p, 16) conforme a mãe “normal!” vai diminuindo a preocupação com seu filho ocorre uma espécie de desmame. Winnicott reflete que existem dois tipos de distúrbios maternos.

“Num extremo, temos a mãe cujos interesses próprios têm caráter tão compulsivo que não podem ser abandonados e ela é incapaz de mergulhar nessa extraordinária condição que quase se assemelha a uma doença, embora, na verdade, seja bastante indicativo de boa saúde. No outro extremo temos a mãe que tende a estar sempre preocupada, e nesse caso o bebê torna-se sua preocupação patológica. Essa mãe pode ter uma capacidade especial de abdicar do próprio self em favor da criança, mas qual o resultado final disso? É normal que a mãe vá recuperando seus interesses próprios à medida que a criança lhe permite fazê-lo. A mãe patologicamente preocupada não só permanece identificada a seu bebê por um tempo longo demais, como também abandona de súbito a preocupação com a criança, substituindo-a pela preocupação que tinha antes do nascimento desta”. (D. W. WINNICOTT, 2005).

sujeito* projeta num outro sujeito ou num objeto desejos* que provêm dele, mas cuja origem ele desconhece, atribuindoos a uma alteridade que lhe é externa.

⁵ ROUDINESCO, Elisabeth, PLON, Michel. Dicionário de Psicanálise, Zahar, Rio de Janeiro, 1997. p, 397. Introjeção Termo introduzido por Sandor Ferenczi* em 1909, para designar, em simetria com o mecanismo de projeção* e introversão* (ensimesmamento auto erótico), a maneira como um sujeito* introduz fantasisticamente objetos de fora no interior de sua esfera de interesse.

Podemos perceber que o primeiro tipo de mãe não consegue desmamar o filho já que este jamais a teve de fato para si, logo o desmame deixa de ter sentido. Já o outro tipo de mãe é incapaz de desmamar, ou propende a tirar abruptamente, sem dar importância progressivamente à necessidade da própria criança de ser desmamada.

Freud (1925-1926 [1974], p, 32,33), faz uma separação de sugar e mamar. A succção é igualmente a procura da satisfação como a mamada, entretanto apenas na fantasia do bebê, na qual ele procura algo além do que puramente saciar a fome. Percebe-se então que a relação oral é estabelecida, na qual o funcionamento consiste em mamar, sugar, engolir e morder, e por esse meio a criança busca restaurar a plenitude de quando estava no útero.

A ação de succção repetidamente que o bebê faz ainda que não esteja mamando, é indicação de que está impelido por outras coisas que o cerca. O bebê não engole unicamente o alimento, mas, ainda a voz, o olhar e o aconchego da mãe. A criança é alimentada por todo o “corpo”, essas percepções incidem a fazer parte dela, ainda que algumas percepções possam ser dispensadas, como por exemplo, ao regurgitar o leite. Com o nascimento dos dentes surgem às mordidas acompanhadas de uma pulsão agressiva. Nessa fase é comumente o momento na qual as mães decidem desmamar a criança, surge mais como penalidade pela mordida do que a vontade de desmamar. Por isso da importância de fazer gradualmente o desmame para que a criança seja preparada aos poucos para esse momento. É importante nesse processo que a pessoa que o alimentou aos poucos substitua o peito, pelo olhar, pela fala e pelo carinho.

Segundo Sonego et al (2004, p, 3) o desmame pode acontecer de maneira tranquila para algumas mulheres-mães, especialmente quando o desmame é uma decisão materna, onde o bebê aceita sem dificuldades outro tipo de alimento. Entretanto, quando a interrupção do aleitamento materno não é tranquila, o desmame poderá ser desencadeador de sentimentos como tristeza, trazendo danos para a mãe e para o bebê.

Sonego et al (2004, p, 342), reflete que o processo do desmame pode ter sofrido influencias de experiências maternas anteriores no período da amamentação. Porém, essa influência deve ser ponderada a partir da compreensão do processo adaptativo da mulher na gravidez, e de sua história subjetiva e familiar e, sobretudo das experiências anteriores relacionadas à amamentação.

Neste sentido é notório averiguar que a decisão sobre manter a amamentação ou desmamar, parece ter sofrido pouca influência entre as gerações estudadas. Prevalecendo o anseio da mãe ou da criança ou motivadas por outros fatores adversos que contribuíram para essa decisão.

CONSIDERAÇÕES

A ligação íntima da mãe com o filho será para ela fonte de dignidade ou de indignidade, segundo o valor, que é muito variável, concedido à criança; essa própria ligação, disseram-no, será reconhecida, ou não, segundo os preconceitos sociais. (BEAUVIOR, 1970, p.57)

Podemos perceber que a amamentação representa o equilíbrio ou desequilíbrio no vínculo entre a mãe e o bebê. Um momento abundante de sensações tanto para mãe quanto para o bebê. Entretanto o desmame será imprescindível para que a criança possa passar a existir como sujeito, tornando-se mais autônomo.

Para determinadas mulheres, o desmame pode ser tão complexo quanto o começo da amamentação. Essa fase em que o bebê deixa de mamar no seio para beber leite na mamadeira e provar comidas pode causar uma grande insegurança na mulher. Afinal, é a segunda separação que acontece entre mãe e bebê, a primeira separação foi ao nascer, ao se desligar do útero.

Segundo o Ministério da Saúde assim como a Organização Mundial da Saúde, da Sociedade Brasileira de Pediatria recomenda que a amamentação seja exclusiva até os 6 meses e seja complementar até os 2 anos.

Como podemos perceber ao logo da pesquisa, o desmame vai depender do bebê, da mãe e de seu modo de vida. O processo do desmame é gradativo e acontece na medida em que ocorre a troca de uma mamada por algum alimento, ou mamadeira, conforme a idade da criança.

Segundo Sonego et al (2004, p.342), quando a mãe escolhe o modo de alimentar seu bebê, ela exprime, nessa determinação, influências da sociedade, de sua maneira de viver, da sua história subjetiva e de sua individualidade. Com isso verificamos que o ato de amamentar agrupa diversos aspectos, podendo ser percebido como um acontecimento individual e também social.

(...) o momento de interrupção da amamentação concretizará diferentes posturas no relacionamento (da criança) com o mundo. Posturas estas que, embora iniciadas nestes momentos, tenderão a se expandir para todo o desenvolvimento futuro, ou seja, todas as modalidades de relações futuras poderão estar permeadas por este processo. (RAPAPORT CR, FIORI WR, HERZBERG E, 1981)

Conforme Beauvoir (1970, p, 213) no cristianismo, “a vida e a morte só dependem de Deus, o homem originário do seio materno dele se evadiu para sempre, a terra só está à espera de seus ossos; o destino de sua alma decide-se em regiões onde os poderes da mãe se acham abolidos; o sacramento do batismo torna irrisórias as cerimônias em que se queimava ou afogava a placenta.”

Neste sentido podemos pensar o quanto o contexto cultural influenciou e pode influenciar no modo de amamentar e desmamar a prole.

Em Conversações na Sicília, de Vittorini, é o que o herói vai buscar junto de sua mãe: o solo natal, seus odores e frutos, a infância, a lembrança dos antepassados, as tradições, as raízes de que a existência individual o separou. E esse enraizamento mesmo que exalta no homem o orgulho da superação; agrada-lhe admirar-se arrancando-se dos braços maternos a fim de partir para a aventura, o futuro, a guerra; a partida seria menos comovente se não houvesse ninguém para tentar retê-lo: apresentar-se-ia como um acidente, não como uma vitória duramente alcançada. (SIMONE BEAUVOIR, 1970).

Para Beauvoir (1970, p, 238) “O apego do filho ao seio materno é primeiramente o apego à Vida em sua forma imediata, em sua generalidade e em sua imanência; a recusa a desmama é a recusa ao abandono a que o indivíduo é condenado desde que se separe do Todo; é a partir de então, e na medida em que se individualiza e se separa ainda mais, que se pode qualificar como "sexual" o gosto que conserva pela carne materna doravante destacada da sua. Sua sensualidade mediatiza-se então, torna-se transcendência para um objeto exterior”.

Segundo Beauvoir (1970, p, 238) o vínculo entre a mãe e o bebê não tem qualquer relação com os instintos, e sim com as relações afetivas e as representações que o bebê recebe na psique da mãe. Logo são essas relações que vão definir a maneira que o amor materno vai adquirir para o vínculo mãe - bebê.

Portanto é preciso também compreender os diferentes componentes sociais, para assim refletir o modo como amamentação e o desmame são conduzidos. Uma relação intensa, na qual mãe e filho necessitam um do outro, tanto física quanto emocionalmente. Essa união, depois de constituída, torna-se difícil de ser desfeita, uma vez que sentimentos como o amor e a afetividade são estabelecidos nesse contato.

Se o respeito ou o medo que inspiram a mulher impedem o emprego de violência contra ela, a superioridade muscular do homem não é fonte de poder. Se os costumes exigem — como em certas tribos de índios — que as jovens escolham marido, ou se é o pai que decide dos casamentos, a agressividade sexual do macho não lhe confere nenhuma iniciativa, nenhum privilégio. A ligação íntima da mãe com o filho será para ela fonte de dignidade ou de indignidade, segundo o valor, que é muito variável, concedido à criança; essa própria ligação, disseram-no, será reconhecida, ou não, segundo os preconceitos sociais. (SIMONE BEAUVOIR, 1970).

Nessa pesquisa por muitas vezes refletimos e questionamos os processos da amamentação e do desmame, ambos estão intrinadamente ligados. Contudo esses processos são sem dúvida, processos que trazem marcas e impactos que, inconscientemente, perdurarão para a vida toda.

Assim como disse Simone de Beauvoir (1970, p, 88) a mãe é obviamente necessária ao nascimento do bebê. Já que é ela que mantém e nutre a origem em seu seio e é, por meio dela que no mundo visível que a vida da prole se perdura e exerce assim sua ação primordial.

Segundo Simone de Beauvoir (1970, p. 9) “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Assim como ninguém nasce mãe, torna-se mãe. Nesse contexto de

questionamentos, reflexões e incógnitas sobre o tema, Amamentar é Fundamental, Desmamar é preciso, que aprendemos a infindável “fome” do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BERNARDINO JUNIOR, R.; SOUSA NETO, A. L. Analise do conhecimento de gestantes sobre as conseqüências do desmame precoce no desenvolvimento motor oral. Biosci. J. Uberlândia, v. 25, n. 6, p. 165-173, Nov/dez, 2009.

BEAUVOIR, Simone, O segundo sexo, 4 ª Ed. Difusão Europeia do livro, 1970, São Paulo.

DAPPER, L.H.; LOPES, V.B.; KRUG, J.S. A vivencia em grupo de apoio a gestantes e a experiência da gestação e maternagem. Publicado em: 2012. Disponivel em: <<https://psicologia.faccat.br/moodle/pluginfile.php/197/course/section/102/lurdes.pdf>> Acesso em: 07 jun. 2016.

FREUD, Sigmund. (1905). Três Ensaios Sobre as Teorias da Sexualidade. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago. 2006. p.110-115.

FREUD, Sigmund.. (1996). Além do princípio do prazer. Em Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira (J. Salomão & M. Oiticica, Trad.). Rio de Janeiro: Imago, Vol. XVIII. (Trabalho original publicado em 1920). p.36-42

FREUD, Sigmund (1926 [1925]) Inibição, sintoma e ansiedade. In: FREUD, Sigmund. *Um estudo autobiográfico, Inibição, sintoma e ansiedade, A questão da análise Leiga e Outros trabalhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1974. p. 82-100. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, XX).

GIUGLIANI, E.R.J. O aleitamento materno na prática clínica. *J. pediatr.* Rio Janeiro. v.76, n.3, p.238-252, 2000.

GOLDBERG, L.G.; YUNES, M.A.M.; FREITAS, J.V. Desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 10(1):97-106, 2005.

ISAACS, E.B.; FISCHL, B.R.; QUINN, B.T.; CHONG, W.K.; GADIAN, D.G.; LUCAS, A. Impact of breast milk on intelligence quotient, brain size, and white matter development. *Pediatra Res*, v.67, n.4, p.357-362, apr. 2010.

LAWRENCE, R.A. Apoando o aleitamento materno/desenvolvimento social e emocional na primeira infancia. In: Tremblay RE, Boivin M, Peters RDV. *Enciclopédia sobre o desenvolvimento da primeira infancia*. Centre of Excellence for Early Childhood Development, p.1-7, 2011.

KIERKEGAARD, SOREN. *Temor e tremor* São Paulo: Abril Cultural, 1979.

KLEIN, M. *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

Klein, M.; Heiman, P.; Isaacs, S.; Rivieri, J. *Os Progressos da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

MELLO, M.F.; SCHOEDL, A.F.; PUPO, M.C.; SOUZA, A.A.L.; ANDREOLI, S.B.; BRESSAN, R.A.; MARI, J.J. Adaptação transcultural e consistência interna do Early Trauma Inventory (ETI). *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.26, n.4, p.713-724, abr, 2010.

NASCIMENTO, Milton, BRANT, Fernando. *Maria Maria*. Rio de Janeiro: EMI, 1978. Álbum: Clube da Esquina 2. Faixa 19. Disco de vinil.

NAKANO, A. M. S.; REIS, M. C. G.; PEREIRA, M.; J. B.; GOMES, F. A. O espaço social das mulheres e a referência para o cuidado na prática da amamentação. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, v.15, n.2, 2007.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Estratégia global para a alimentação de lactentes e crianças de primeira infância. São Paulo: IBFAN Brasil, 2005.

QUEIROZ, Telma Corrêa da Nobrega. Do Desmame ao sujeito. Casa do Psicólogo, São Paulo, (Coleção 1ª infância) 1ª edição.

ROUDINESCO, Elisabeth, PLON, Michel. Dicionário de Psicanálise, Zahar, Rio de Janeiro, 1997. p, 108

SANTOS, F.L.B.; OLIVEIRA, M.I.V.; BEZERRA, M.G.A. Prematuridade entre recém-nascidos de mães com amniorrexe prematura. *Escola Anna Nery R. Enferm.*, v.10, n.3, p.432-438, 2006.

SAMPAIO, M.A.; FALBO, A.R.; CAMAROTTI, M.C.; VASCONCELOS, M.G.L.; ECHEVERRIA, A. et al. Psicodinâmica interativa mãe-criança e desmame. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.26, n.4, p.707-715, 2010.

SONEGO, J.; VAN DER SAND, I.C.P.; ALMEIDA, A.M.; GOMES, F.A. Experiência do desmame entre mulheres de uma mesma família. *Rev Esc Enferm USP*, v.38, n.1, p.341-349, 2004.

VIANA, Herbert. Quase Um Segundo. In: Os Paralamas do Sucesso. Rio de Janeiro: EMI, 1988. Álbum: Bora-Bora. Faixa 9. Disco de vinil.

VINHA, Tais. Amamentar não é um ato de amor. Disponível em: <<http://ombudsmae.blogspot.com.br/2009/04/amamentar-nao-e-um-ato-de-amor.html>>. Acesso em 15 de novembro de 2016.

XIMENES, L.B.; MOURA, J.G.; ORIÁ, M.O.B.; MARTINS, M.C.; ALMEIDA, P.C.; CARNEIRO, E.P. Práticas alimentares e sua relação com as intercorrências clínicas de crianças de zero a seis meses. Esc Anna Nery Rev Enferm, v.14, n.2, p.377, abr-jun., 2010.

Winnicott, D.W (1968 [1967]). O ambiente saudável na infância. In: Os bebês e suas mães. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WINNICOTT, D. W. A criança e o seu mundo. Rio de Janeiro: Zahar editora, 1979.

WINNICOTT, D. W. O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.